

FRAGMENTO E NARRATIVA DE VIAGEM*

Maria de Fátima Outeirinho

Em colóquio de 2003, também ele de homenagem a outro grande linguista, Fernanda Irene Fonseca apresentou uma estimulante reflexão sobre “características textuais/discursivas de ‘diários’, ‘reflexões’, ‘pensamentos’ e outras formas de escrita *intencionalmente* fragmentária” (Fonseca, 2004:345), em torno da obra de Vergílio Ferreira. Então, ao escutá-la, não pude deixar de equacionar que a organização macro-textual assente no fragmento poderia ser uma trilha promissora a percorrer, face a um *corpus* de análise como os escritos de viagem, *corpus* sobre o qual me tenho vindo a debruçar desde há alguns anos, mediante outros enfoques.

Fernanda Irene Fonseca, em “Fragmentação e unidade: contributos para a análise de formas textuais intencionalmente fragmentárias”, sublinhava vários aspectos:

1. a conveniência em falarmos de macro-textualidade fragmentária ou descontínua em vez de textualidade fragmentária;
2. o papel unificador do autor na escrita fragmentária por uma intencionalidade que se revela, por exemplo, em explicações de tipo meta-reflexivo;
3. a importância das estratégias de construção macro-textual com vista a um efeito de descontinuidade;
4. as virtualidades heurísticas e estéticas do fragmento;
5. a relação entre fragmentação e totalidade.

Os textos de viagem de que me tenho vindo a ocupar e que tomarei como objecto de referência para estas notas reflexivas que agora partilho, não se inscrevem num quadro de desconstrução, frequente na escrita da modernidade. Situam-se em termos de publicação no século XIX, muitos deles dados à luz pela primeira vez na imprensa periódica e de autoria portuguesa e francesa. A fragmentação que neles pode ser identificada não põe em causa uma sequencialização textual e permite uma construção progressiva e linear de sentido. No que a este objecto de estudo diz

*Este estudo foi elaborado no quadro do projecto “Interidentidades”, do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação (POCTI), do Quadro de Apoio III (POCTI-SFA-18-500).

respeito, não se trata de facto de “falta de unidade, quer ao nível da sintaxe macro-textual quer da continuidade/progressão temática global” (Fonseca, 2004:347). Como pensar então uma escrita fragmentária dentro de um quadro genológico que não pretende questionar a instituição literária, mas quando muito avançar na sua própria legitimação enquanto género situado nas margens?

Na verdade, o conjunto de narrativas de viagem em apreço apresenta traços bem peculiares: não estamos perante viagens imaginárias, mas perante testemunhos pessoais, fruto de experiências viáticas efectivamente acontecidas – o que não significa que não possa existir uma dimensão efabulatória; os textos em análise, na sua maioria, conheceram uma primeira publicação nas páginas da imprensa periódica oitocentista e, com frequência, sob o chapéu de uma rubrica jornalística como o folhetim; tal facto, facilmente se articula com um fenómeno de progressivo e significativo alargamento e diversificação do leitorado cada vez mais em contacto com uma cultura escrita que se inscreve num tempo de ócio, um leitorado que busca e a quem é oferecido um objecto de entretenimento; uma escrita que todo o literato, com maior ou menor poder simbólico no campo literário oitocentista de então, cultiva, até pela adesão pessoal a uma prática cultural da viagem, à época em expansão crescente.

Neste contexto sumariamente identificado, pensar a narrativa de viagem enquanto escrita que se constrói sobre uma estratégia da fragmentação permite, por exemplo, explorar as seguintes dimensões: a tríade autor, espaço de publicação e leitor ou a diversidade da fragmentação textual e o jogo com as formas breves de que resulta o hibridismo do género, de todo este processo emergindo uma prática consciente da descontinuidade.

1. A tríade autor, espaço de publicação e leitor

Para além da crónica-folhetim ou do romance-folhetim que o periodismo do século XIX oferece ao seu leitorado, a literatura de viagens constitui-se igualmente como proposta de leitura atractiva para todo aquele que deseja viajar sem sair de casa.¹ Assim, muitos dos literatos que se entregam à prática cultural da viagem são instados a publicar² no periódico as suas “impressões”, “notas” ou “aponta-

¹ Muito embora não se trate de um texto surgido na imprensa periódica, o princípio é similar: “Escrevo pois as minhas jornadas, com quanto por vezes lhes chame viagens, que é mais da moda, esperando com elas dar algumas horas de passatempo àqueles dos meus companheiros que não puderem viajar” (Ribeiro, 1873: 11). Os excertos de textos oitocentistas citados serão objecto de actualização ortográfica.

² Cf. Luciano Cordeiro em *Viagens, Espanha e França*: “Quando cheguei perguntaram-me pelo álbum de viagem. Esperavam, creio, um registro, um diário, um *memorandum* muito

mentos”, para usar as escolhas lexicais mais frequentes nos escritos de viagem de então. A fragmentação na organização macro-textual torna-se pois obrigatória pela inevitabilidade em exercer, com maior ou menor mestria, a arte do corte caracterizadora da publicação no espaço do folhetim. A textualidade descontínua, a fragmentaridade voluntária e consciente por parte do autor, não colocará porém em causa uma difusão sequencial. No processo criativo, inscreve-se uma condicionante exógena que afecta a própria interacção dialógica entre entidade autoral e entidade de leitura e que exige a adopção de conectores ou processos anafóricos nos diversos fragmentos textuais, de modo muito particular na etapa liminar dos diferentes fragmentos de cada número do jornal, nomeadamente no *incipit*. Assim, a assumida importância dada ao leitor pela narrativa de viagem, o cuidado colocado pelo escritor em responder e satisfazer um conjunto de expectativas, assegura afinal a construção de um todo, pese embora a fruição por parte do leitor, através da ingestão de pequenas “pílulas” diárias, como se usava dizer então, numa fruição prolongada e diferida no tempo.

Nos usos lexicais acima referidos, manifesta-se também aquilo que denomino por protagonismo do leitor, protagonismo que na narrativa de viagem do século XIX se aproxima do protagonismo do narrador-viajante. Com efeito, a afirmação de que se trata de notas, apontamentos ou impressões de viagem e a simultânea inscrição no texto de inúmeras marcas elocutórias que lhe conferem um pendor de acentuada coloquialidade, é ainda modo de aparentar ou reivindicar uma pseudo-espontaneidade na construção textual que se revelará potenciadora da criação de laços de cumplicidade entre autor e leitor.³

Deste modo, também na narrativa de viagem, e tal como afirmava Fernanda Irene Fonseca, a propósito de um *corpus* diverso, “a macro-textualidade fragmentária deve ser analisada como um tipo de estruturação macro-textual e não como resultado de uma escrita espontânea” (Fonseca, 2004:347). Não se trata de facto de espontaneidade e muito menos de amadorismo na adopção de estratégias de

regular, muito minucioso, muito metódico, das impressões, das observações, das aventuras, das surpresas, dos assombros do compatriota que ousara exceder um pouco o já audacioso empreendimento duma viagem a Paris [...]” (Cordeiro, 1874: 1).

³ *Costumes Madrilenos* de Magalhães Lima é um bom exemplo do que acabámos de afirmar. Atentemos tão somente num pequeno excerto: “Bem vê, marquesa, que isto de ser português é um tanto esquisito, e arrasta-nos a gravíssimos inconvenientes; porque, enfim, permita-me v. ex.^a que espirre um pequeno sarcasmo sobre o país do sr. D. Afonso Henriques – nós, os portugueses, nem temos a *coquetterie* francesa nem a seriedade britânica; de modo, que, imitando a todos, ficamos sendo coisa nenhuma, o que matematicamente equivale a zero” (Lima, 1877: 101-102).

cariz fragmentário. Bem demonstrativo de tal funcionamento é o facto de não se eliminarem as reflexões metapoéticas originais, em torno de um pseudo estatuto de uma obra, apresentada como conjunto de notas ou apontamentos, quando se passa a uma publicação em volume, apesar de se verificarem, nesta outra etapa, processos de reescrita.

A organização macro-textual fragmentária decorre ainda da relação estabelecida entre a vivência viática, uma vivência que permite uma singular experiência da temporalidade e da espacialidade, pois implica não só uma circulação no tempo e uma deslocação no espaço, como ainda uma circulação e deslocação em dinâmicas culturais outras que se confrontam com a cultura de pertença do viajante. Decorre então de tal facto o registo de uma vivência de experiências que se sucedem de modo descontínuo, numa itinerância de etapas a transpor, sendo esse registo a todo momento interrompido para acolher um discurso de pendor reflexivo que pode roçar o ensaio ou a meditação lírica. A experiência do transitório, do efêmero, a intermitência da viagem acabam por atingir a construção textual e discursiva e colocam o leitor perante uma escrita aparentemente descontínua. Contudo, a intencionalidade que em filigrana encontramos a presidir a um conjunto de opções construtivas confere ao autor um papel unificador e faz de uma dada narrativa de viagem não uma soma de fragmentos, mas um todo claramente coeso até pela unidade temática, elemento agregador da construção textual e discursiva e, como observa Fernanda Irene Fonseca, “texto implica, desde a sua etimologia, a existência de uma teia de relações que unem, que transformam partes num todo” (Fonseca, 2004:346).

2. Diversidade da fragmentação textual e o jogo com formas breves

Sendo a presença do destinatário um dos pilares fundamentais na estruturação da narrativa de viagem, numa constante procura de interacção dialógica, o escrito de viagem vai ainda apostar na estratégia de fragmentação através da instauração de mudanças de ritmo que buscam combater uma leitura entediante, colocando em permanente estado de alerta o leitor, procurando assegurar uma fidelização da instância de leitura, até porque a narrativa de viagem se rege, como observa Jean-Claude Berchet, pelo princípio do prazer (1985:11). Os textos de viagem em apreço, supostamente da ordem do factual e que se assumem portanto numa ligação com uma experiência autobiográfica, ilustram bem a adopção de uma escrita fragmentária erigida sobre a itinerância do olhar do viajante. Assim, dentro de um fragmento maior que poderá ser um folhetim, o narrador viajante desloca-se, com frequência sem transição, da nota histórica, lendária ou própria do guia do viajante para o devaneio poético, da descrição da monumentalidade ou da paisagem humana para uma micro-narrativa de enredo sentimental ou aventuroso,

sempre fiel a uma estratégia da alternância, potenciando o carácter dinâmico de uma escrita fragmentária e de algum modo adoptando a técnica do *patchwork*.⁴

O jogo com as forma breves que na narrativa de viagem tem lugar não pode deixar de ser considerado enquanto contributo para a inscrição de uma dimensão fragmentária na construção textual. Na verdade, na sua constituição enquanto género e mercê de uma ausência de normas reguladoras de cariz preceptístico, a literatura de viagens vai-se erguendo em torno daquilo que me atrevo a chamar de voracidade do género que permite a adopção, por vezes inclusiva e aditiva, de formas breves muito diversificadas. Com efeito, a bulimia testemunhada pela narrativa de viagem autoriza o aproveitamento criativo de formas próprias de uma escrita de memórias, do diário ou do género epistolar; a ancoragem na crónica e/ou no ensaio – e lembremos Júlio César Machado ou Ramalho Ortigão –, no conto, por vezes quase na novela (e são inúmeros os exemplos de encaixe de um narrativa sentimental,⁵ de maior ou menor extensão, a colocar a questão duma eventual fuga à esperada facticidade). Estamos pois na literatura de viagens perante uma lógica da inclusão, através de formas genológicas tão diversas que de novo apontam para um efeito de descontinuidade, não atentatório porém de uma lógica sequencial que autoriza uma progressão semântico-temática. Sucede então que é precisamente no hibridismo genológico, no carácter de escrita fronteiriça, na expressão de Lauro Zavala (2006:35), que reside a especificidade de organização macro-textual, tão atractiva e fascinante para o leitor da narrativa de viagem.

Conclusão

Do breve percurso reflexivo em torno de estratégias de fragmentação na organização macro-textual da narrativa de viagem oitocentista, algumas notas conclusivas provisórias podem ser equacionadas. Desde logo a escrita fragmentária decorre de uma adequação a um suporte de publicação e difusão textual como o periódico, decorre ainda de um quadro de intencionalidade autoral face à entidade de leitura, com a qual se quer estabelecer uma intensa interacção dialógica, dando a narrativa de viagem testemunho, pelas estratégias organizativas com que se apresenta, da forte interacção transformadora entre formas textuais em processo de construção ou de sedimentação e contextos histórico-sociais que neste caso passam pelo reco-

⁴ *Voyage en Espagne* (1843) de Théophile Gautier ou *Recordações de Itália* (1852) de António Pedro Lopes de Mendonça ilustram bem tais procedimentos. Cf. igualmente Júlio César Machado na obra *Em Espanha*, pp. 49-50.

⁵ Cf. António Augusto Teixeira de Vasconcelos em *Viagens na Terra Alheia* (1863).

nhecimento, quer por parte do escritor, quer por parte das empresas jornalísticas da importância crescente do leitorado.

Assim, a importância das estratégias de construção macro-textual com vista a um efeito de descontinuidade é vital na narrativa de viagem pois ergue-se como um dos seus traços maiores e não significa de modo algum uma debilidade criadora, antes supõe mestria no manejo da língua, um manejo de estratégias textuais/discursivas que fazem da narrativa de viagem uma escrita intencional e necessariamente fragmentária que se liberta da mera justaposição de fragmentos para se dar ao seu leitor como um todo numa experiência de acolhimento de uma totalidade criadora.

Faculdade de Letras do Porto
outeirinho@letras.up.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berchet, Jean-Claude, 1985, “Introduction”, *Le Voyage en Orient. Anthologie des Voyageurs Français en Orient dans le Levant u XIXe siècle*, Paris, Robert Laffont.
- Fonseca, Fernanda Irene, 2004, *Da Língua e do Discurso*, org. Fátima Oliveira e Isabel Margarida Duarte, Porto, Campo das Letras, pp. 345-362.
- Gautier, Théophile , 1981, *Voyage en Espagne*, Paris, Garnier-Flammarion [1843].
- Lima, Magalhães, 1877, *Costumes Madrilenos. Notas de um Viajante*, 2ª ed., Coimbra, Liv. Central de José Diogo Pires-Editor.
- Machado, Júlio César, 1865, *Em Espanha. Cenas de Viagem*, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira.
- Mendonça, António Pedro Lopes de, 1852, *Recordações de Itália*, Lisboa, Tip. da Revista Popular.
- Ribeiro, Tomás, 1873, *Jornadas. Do Tejo ao Mandovy*, Coimbra, Liv., Central de José Diogo Pires.
- Vasconcelos, A. A. Teixeira de, (1863) *Viagens na Terra Alheia. De Paris a Madrid*, Lisboa, Editor F. Gonçalves Lopes.
- Zavala, Lauro, 2006, “Fragmentos, fractales y fronteras: género y lectura en las séries de narrativa breve”, *Forma Breve. Revista de Literatura*, 4, Universidade de Aveiro, pp.35-52.